

Impressões de Macau

澳门印象

Matilde Paula Bernardo
Bolsista de investigação IC-UA (2018-2019)



Antes de partir para Macau, o conhecimento de que dispunha sobre o território que me iria acolher limitava-se ao simples entendimento geral de se tratar de um importante entreposto comercial e cultural entre a China e a Europa, que fora administrado por portugueses durante mais de 400 anos e de, atualmente, ser mais conhecida por “Las Vegas da Ásia”. Sabia também que nesta região se falava maioritariamente o dialeto cantonês (apesar de as línguas oficiais serem o mandarim e o português) e se escrevia ainda com caracteres tradicionais. Ora, sendo eu aluna da licenciatura em Tradução e Interpretação Português/Chinês–Chinês/Português, a aprender o “chinês” que, na prática, era o mandarim padrão, baseado no dialeto falado em Pequim (e que eu ainda mal dominava!), esta ida para a capital do jogo era, no mínimo, um indício de um ano rico em peripécias e aventuras.

Com o passar dos dias, fui-me apercebendo da riqueza deste secular ponto de encontro entre as culturas ocidentais e orientais, visível não só na fusão de estilos arquitetónicos da cidade, com todas as suas formas verticais e as suas luzes, lustrosos hotéis e casinos que se erguem em cada esquina, mas também na “gastronomia de fusão” macaense, nascida da mistura de ingredientes e especiarias locais que os portugueses na era dos Descobrimentos recolhiam – por exemplo, de Malaca, da Índia e de Moçambique – e usavam, na tentativa de recriar pratos portugueses.

Contudo, confesso que foi ao pisar a calçada portuguesa e ao ler os nomes das ruas, escritos na língua de Camões, que fiquei rendida a esta terra e percebi que, por mais anos que passem, uma parte de mim ficaria para sempre vinculada a esta pequena e especial península, este antigo lugar onde tantos portugueses, antes de mim, foram simultaneamente heróis e vilões, amados e odiados. Apesar do constante desconforto climatérico, originado pela humidade do ar e pelo calor do vento, só tenho a lamentar as ocasiões (perdidas) em que não deambulei pelo miradouro da Fortaleza da Guia, pela Doca dos Pescadores, pelos jardins, pelos templos de A-Má e de Pak Tai (entre tantos outros!), pelas ilhas da Taipa e de Coloane, ligadas por aterros, com a pitoresca Vila da Taipa, os trilhos pedestres de Coloane, a Praia de areia preta de Hác Sá, num estado pleno de harmonia com a natureza que, por uns instantes, tornava possível atenuar o frenesim característico desta cidade.

Destaco ainda a importância das oportunidades profissionais que se proporcionaram pela estada neste território, devido à parceria que o Instituto Politécnico de Leiria mantém com o Instituto Politécnico de Macau e com a Universidade de Línguas e Culturas de Pequim (que me permitiu estudar na capital da China no ano anterior), com a possibilidade de participação, como tradutora/intérprete, no Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e na Feira

“...ao pisar a calçada portuguesa e ao ler os nomes das ruas, escritos na língua de Camões, [...] fiquei rendida a esta terra e percebi que, por mais anos que passem, uma parte de mim ficaria para sempre vinculada a esta pequena e especial península.”

Internacional de Macau, oportunidades essenciais para poder pôr em prática e aperfeiçoar competências e técnicas de tradução e de interpretação, bem como para compreender, na prática, o papel desempenhado por Macau como ponte entre todos estes países.

Como diz o provérbio chinês 百闻不如一见, *é melhor ver uma coisa do que ouvir falar cem vezes*, ao articular esta experiência com a aprendizagem teórico-prática da tradução, não só aprendi que este ofício vai para além da simples transposição de textos numa língua de partida para uma língua de chegada, mas também que se trata de um processo bastante complexo de interpretação do texto original e de moldagem, tendo em conta as estruturas linguísticas, o contexto e a cultura onde o novo texto, a tradução propriamente dita, vai ser inserida. Compreendi que a tradução está para as diferentes línguas como Macau está para os diferentes países e que a cultura, como elemento integrante e compartilhado entre os dois, é incontornável em todo este processo. E que o papel central de Macau na aproximação entre as culturas portuguesa e chinesa coincide em pleno com este trabalho ambicioso, mas possível, de difundir textos chineses em Portugal e textos portugueses na China.

Por último, na Ásia, onde tudo é relativamente diferente e todos estamos *apenas por uns tempos* (frase que mais vezes ouvi por parte de expatriados na China), o que importa realmente é viver, conviver e compartilhar, aprendendo e apreendendo a linguagem universal que nos liga como seres humanos, numa tentativa contínua de equilíbrio transversal entre origens, crenças, estatutos e desígnios.

Poder fazer parte e contribuir para a história dos portugueses no Oriente pode não ser uma empreitada inédita, mas é, indiscutivelmente, uma responsabilidade que deve ser encarada com devoção, perseverança e seriedade, algo que recomendo sempre, sobretudo a portugueses que vão conhecer Macau. Que se encham de orgulho ao passar pelo Casino Lisboa e se surpreendam ao reparar no *Grand Lisboa* mesmo ao seu lado. Que não sejam preconceituosos e provem os pastéis de nata que, apesar de não terem o sabor genuíno daqueles que se vendem em Portugal, nos aproximam um pouco das nossas raízes, num reconforto de consolação. ■